

**EQUIPAS**  
**DE**  
**NOSSA SENHORA**

**A “ECCLESIA”**

*(Versão original, adaptada para português de Portugal)*

**Pe. Henri Caffarel**

Conferência realizada  
em São Paulo, em  
julho de 57, dirigida  
aos Casais  
Responsáveis das  
Equipas de Nossa  
Senhora

**Secretariado**  
Rua Paraguaçu, 258  
Fone 51.7563 São  
Paulo

## A “ECCLESIA”

*(Versão original, adaptada para português de Portugal para o Site das ENS em abril de 2015)*

Os cristãos do século passado, assim como os dos primeiros séculos, gostavam de chamar-se uns aos outros, com orgulho, de “crentes”. Crentes, isto é, homens de fé.

Que significa, entretanto, “ter fé”? Não é somente crer na existência de Deus, nem somente na divindade de Jesus Cristo. É olhar com os olhos de Deus todas as realidades humanas e, também, todas as realidades sobrenaturais; é ver todas as coisas do ponto de vista de Deus. No livro de Ezequiel, o Senhor, por intermédio do Seu profeta, promete a todos os justos que, dali por diante, lhes irá colocar o olhar no coração. Ter fé, é justamente possuir o olhar de Deus no coração.

Há uma coisa que entretanto nos impressiona: se é essa a definição de fé, é obvio que há muitos católicos descrentes. “A mãe que nunca pensa, ao tratar do filho recém-nascido, que esse pequenino é o templo do Espírito Santo - o homem que, nas suas tarefas sociais e profissionais, nunca vê a mão de Deus, como diziam os nossos avós, por trás dos acontecimentos - e tantos cristãos que, quando no meio de uma multidão, nunca pensam que é justamente dela que Cristo sentia tanta piedade e que foi justamente a ela que Ele salvou com o seu sangue.” Eles não têm o olhar da fé para todas as realidades humanas, eles não vivem da fé, a não ser intermitentemente.

Pois bem, o objetivo desta conferência é convidá-los a olhar com os olhos da fé a reunião mensal das nossas equipas, a adquirir o olhar de Deus sobre uma reunião mensal.

Há uma palavra técnica, uma palavra da Igreja que define com precisão a nossa reunião mensal - é uma palavra grega que conservarei sem traduzir: “*Ecclesia*”.

Poder-se-ia dizer “Igreja” ou “Assembleia Cristã”. Prefiro entretanto conservá-la no original, para não haver confusão com o que denominamos hoje “Igreja”, com o que denominamos “Assembleia Cristã”, palavras estas que perderam o seu relevo e o seu carácter original.

A minha conferência será dividida em três partes. Na primeira, falar-lhes-ei muito rapidamente da História da Ecclesia; na segunda, do Mistério da Ecclesia, na terceira, da Mística da Ecclesia.

## HISTÓRIA DA ECCLESIA

Como convém, vou tomar como ponto de partida a Sagrada Escritura, a Palavra de Deus. É nela que descobriremos o mistério da Ecclesia, através de sua história.

A grande preocupação de Nosso Senhor Jesus Cristo, durante toda a sua vida apostólica, foi agrupar, reunir. Se a Bíblia lhes é familiar, vocês sabem com que frequência a palavra reunir, convocar, é repetida. Parece que o pensamento, ia dizer, a obsessão do Senhor, é reunir todas as coisas.

A vontade de Cristo foi portanto reunir homens à sua volta. Ele lançava o apelo, ao passar por um deles, quer se tratasse de um pescador, quer fosse um fiscal.

Lembrem-se do fiscal Levi que, sentado à mesa da alfândega, viu passar esse homem estranho, Jesus Cristo, e, ao ouvir o chamamento, “Vem, segue-me”, nem sequer pede uma licença; imediatamente segue o Senhor.

Com esses homens, esses camponeses, Cristo percorre as regiões da Palestina, a pregar, a anunciar o Reino. Com eles também, no meio deles, Cristo ora. Impressionados com a atitude de Cristo na oração, um deles, certo dia faz-lhe o pedido: “Senhor, ensina-nos a orar”. E, nesse dia, Cristo ensina-lhes o Pai Nosso.

Reza com eles, ensina-os a orar, mas também reza por eles. E talvez em nenhum lugar se descobre mais profundamente os sentimentos de Cristo em relação aos seus discípulos, do que durante a sua grande e impressionante oração depois da Ceia, quando recomenda ao seu Pai todos esses discípulos que O cercam e que vão ter a rude missão de levar a sua mensagem a todos os homens. Diante desse primeiro grupo, dessa primeira Ecclesia, Ele diz: “Pai, manifestei o Teu Nome aos homens que me deste do meio do mundo. Eram Teus, Tu Mos deste e eles observaram a Tua palavra. É por eles que te rogo. Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que Me deste. Já não estou no mundo, mas eles estão no mundo, e Eu vou para Ti. Pai Santo, guarda em Teu nome, aqueles que me deste, para que sejam UM, como Nós. Mas agora vou para Ti, e digo estas coisas estando ainda no mundo, para que eles tenham em si mesmo a plenitude da minha alegria. Não Te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal”.

E quando Jesus regressa ao Céu, elevando-se à vista deles, longe de se dispersarem, eles unem-se cada vez mais uns aos outros, vivendo a vida de comunidade fraterna que Jesus lhes ensinara. Vemos assim nascer essa comunidade dos primeiros cristãos, essa primeira Ecclesia, a que chamamos comunidade apostólica. Podemos ler nos Atos dos Apóstolos alguns desses grandes textos que constituem precisamente os estatutos da Ecclesia, de toda a assembleia cristã.

Quando Jesus estava ainda com eles, recomendou-lhes que não se afastassem de Jerusalém mas que esperassem lá a promessa do Pai. “Aquele, dizia, de que me ouvistes falar. Porque João batizou na água, mas vós, dentro de poucos dias, sereis batizados no Espírito.” E Jesus desapareceu diante de seus olhos. Deixando então o Monte das Oliveiras, voltaram a Jerusalém que não distava mais do que o percurso autorizado ao sábado. Chegados lá, subiram ao Cenáculo, onde se reuniam habitualmente. Estavam lá Pedro, João, Tiago e outros. Todos, como uma só alma, perseveravam na oração, na companhia de algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus e os seus irmãos.

Passam alguns dias... A promessa de Cristo realiza-se. No dia de Pentecostes, quando estavam todos reunidos no mesmo local, eis que, de repente, ressoa no céu um ruído semelhante a uma grande ventania, que enche toda a casa. Viram então aparecer línguas de fogo que se dividiam, sobre cada um deles, ficando todos cheios do Espírito Santo. Começaram então a falar outras línguas, segundo o Espírito os impelia a exprimirem-se. O seu ministério apostólico começa então, mas eles voltarão à sua base, a esse inesquecível Cenáculo, a essa assembleia que, juntos formam. E eis o quadro, certamente idílico, da primeira assembleia cristã, da primeira Ecclesia. “Todos os crentes viviam unidos e colocavam tudo em comum. Vendiam muitas propriedades e dividiam o produto entre todos, segundo as necessidades de cada um.”

Todos os dias frequentavam o templo unidos num só coração. Partilhavam o pão em suas casas. Tomavam o seu alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram bem vistos pelo povo e, cada dia, o Senhor aumentava consideravelmente o número dos que eram salvos.

A multidão dos crentes (São Lucas chama-os justamente de crentes) tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu o que lhe pertencia, pois tinham posto tudo em comum. Os apóstolos davam testemunho, com grande intensidade da ressurreição do Senhor Jesus e uma grande graça estava com todos eles. De facto, não havia nenhum indigente no meio deles, porque todos os que tinham terras ou casas, vendiam-nas. Traziam o seu valor aos pés dos apóstolos e distribuía-se a cada um, segundo as suas necessidades.

Como vos disse, esta primeira assembleia chamava-se “Ecclesia”, o que quer dizer em grego, assembleia - a assembleia do povo - tal é a tradução exata da palavra Ecclesia (quando está reunido o povo, estamos em presença da Ecclesia). Porém eles intitulavam-se a Ecclesia de Deus. E bem sabiam que nesta palavra Ecclesia há outra palavra grega que é imperioso notar: “clesis”, que quer dizer “convocação”. A Ecclesia, é a assembleia, o grupo dos convocados.

Se insisto neste termo, é precisamente porque, para eles, tinha um sentido infinitamente mais rico do que esta definição que acabo de dar-lhes. Este termo condensava muitas ideias. Com efeito, certas palavras, cujo sentido é relativamente simples, podem adquirir uma densidade extraordinária, quando polarizam uma forte carga afetiva. Imaginem, por exemplo, a palavra “resistência”; há vinte anos, não significava muita coisa; que valor tem ela hoje!

Para os apóstolos, para os discípulos, Ecclesia, tinha uma repercussão extraordinária, pois lembrava uma palavra chave, uma tradição que era conservada viva, em Israel, desde séculos.

Santo Estevão, dirigindo-se aos Judeus, fala precisamente daquilo que era uma recordação querida de todos os Judeus, uma lembrança que lhes despertava uma grande saudade: a “Ecclesia do Deserto”. Preciso dizer-lhes algumas palavras a respeito dela.

A Ecclesia do Deserto é a imensa assembleia de todos esses Hebreus, prisioneiros dos Egípcios, libertados por Moisés, ou melhor, por Deus (a Bíblia diz-nos que Deus os libertou com mão forte e braço estendido). Todos esses Hebreus, tinham sido convocados sobre um planalto dominado por uma montanha de granito e pórfiro e, aí, nesse planalto, Deus dera-lhes a sua Lei. Deus fizera aliança com eles, comprometera-se a estar presente no meio deles e fizera-lhes promessas magníficas, com a condição de que, por sua vez, permanecessem fiéis ao pacto da Aliança.

Esta Ecclesia do Deserto, à qual alude Santo Estevão, é pois a origem do povo de Deus, da sua legislação e da sua religião. E ao longo desses séculos, os Judeus tinham meditado muitas vezes sobre esta permanência no deserto que fora como que a idade de ouro do povo da qual guardavam a nostalgia. E quando os profetas anunciavam que um dia viria o Messias, nada achavam de melhor do que dizer: “Será como uma nova assembleia no deserto, como uma nova assembleia do

Senhor!” Assim, os poucos apóstolos que estão no Cenáculo, quando tomam o nome de Ecclesia Dei, de Igreja, de Assembleia de Deus, têm, perfeitamente consciência de serem, realmente, esta nova assembleia do deserto, a assembleia messiânica. Têm consciência de serem um povo novo, de terem merecido, ou melhor, de terem obtido uma nova Aliança.

Entretanto apresentou-se-lhes um problema. Empregar-se-ia a palavra no singular ou no plural? Com efeito, a primeira, Ecclesia é a de Jerusalém. Eis porém que, outras comunidades são fundadas, em Antioquia primeiro e depois por toda parte. Irão chamar-se “Ecclesia Dei”, como se houvesse uma só Ecclesia Dei, a de Jerusalém, reunindo todas as outras comunidades? De modo nenhum.

A assembleia de Jerusalém, que ainda não entendera perfeitamente o universalismo cristão, tem o privilégio de chamar-se “Ecclesia Dei”; quanto às outras, são “Ecclesiae”. Entretanto, certo dia, São Paulo tem a audácia de dizer aos Coríntios: “Sois uma Ecclesia Dei!” Contudo, os Coríntios não eram Judeus. Não era pois chocante dizer-lhes que eram o povo de Deus? São Paulo, no entanto, quer dar a entender a todas as comunidades cristãs que uma reunião de cristãos não é uma reunião qualquer, mas que toda a reunião de cristãos reproduz a assembleia do deserto, é uma assembleia messiânica prolongando a assembleia do deserto.

Por outro lado, o pensamento de Paulo dá um novo salto. Até aí, havia assembleias, Ecclesias de Deus, por toda a parte. Paulo toma consciência do papel universal de Cristo e eis que compreende que todas as assembleias diversas, que todos os cristãos do mundo não fazem senão um com o Cristo. E pela primeira vez, fala da Ecclesia, da grande Ecclesia: a Igreja.

Nem por isso deixa ele de falar da igreja de Corinto, da igreja que está em tal ou tal lugar, da igreja de Roma, por exemplo. E fala até dessas pequenas assembleias cristãs que se reúnem num lar, por exemplo, em casa de Aquila e Priscila. Ora, esta pequena assembleia, também a chama “Ecclesia”. Eis portanto o vocabulário exato: a grande Ecclesia, é a grande reunião invisível de todos os fiéis em torno de Cristo. A reunião em torno de um sucessor dos apóstolos, de um bispo, é a igreja de um país. Além disso, as outras reuniões de cristãos são também Ecclesiae. As três (a Igreja universal, a Igreja local, a Igreja íntima), são o prolongamento da assembleia do deserto e da assembleia dos apóstolos e dos discípulos em torno de Cristo.

Pouco a pouco, o costume foi-se modificando. Hoje em dia, a palavra Ecclesia evoca para nós a grande Igreja; evoca apenas, ainda, a Igreja diocesana. Fala-se às vezes da Igreja de Bruxelas, ou da Igreja de Paris, porém mesmo esse modo de falar parece ter desaparecido. Quanto às reuniões de cristãos, ninguém teria a ideia de chamar-lhes “Ecclesia”, o que é realmente para lamentar. É justamente por isso que, aos poucos, se perde o sentido desta realidade misteriosa que é uma assembleia de cristãos.

Portanto, depois deste rápido preâmbulo histórico, vou abordar o mistério de uma pequena Ecclesia. Convido-os a avivar a vossa fé e a encarar com um olhar de fé a reunião mensal, para descobrir o mistério que ali se vive, quando estão reunidos em nome do Senhor.

## MISTÉRIO DA ECCLESIA

Mas, para que não haja equívoco, antes de falar da pequena Ecclesia, convido-vos a contemplar a grande Igreja.

Que vem ela a ser, a nossa Igreja católica, isto é, universal? É a grande reunião de todos os filhos de Deus ao redor de Cristo, presente no meio deles. Porquanto Jesus prometeu que estaria no meio deles. Conheceis a palavra de Mateus, capítulo 28, versículo 20: “Ide! Ensinai! Eis que estou convosco, em todo o tempo e até à consumação dos séculos!”

No deserto, Yahweh tinha prometido que estaria sempre no meio de seu povo e residiria na Arca da Aliança. Jesus Cristo promete a seu novo povo, ao seu povo espiritual, que estará sempre no meio dele, espiritualmente presente entre os seus. E quem diz presença de Cristo no meio da Igreja, diz ação eficiente, santificante. Cristo presente no meio dos seus está permanentemente em ação, para os santificar. Esta grande Igreja frequentemente, é chamada a “esposa de Cristo” e, por vezes, os cristãos sentem-se desorientados perante esta denominação. Porquê “esposa”? Porquê apelidar Cristo de esposo? No entanto, os cristãos casados deveriam encher-se de júbilo.

Cristo é o Esposo: o que significa que, um dia, Ele mesmo escolheu; elegeu este povo fiel. Ele o chamou, como o esposo que chama a esposa e lhe faz promessas maravilhosas. É exatamente o que faz o esposo, ou melhor, o homem que encontra a jovem que quer tornar sua esposa. Quanto à esposa, por seu lado, a Igreja, exulta de alegria por ter sido escolhida, exulta de reconhecimento pelas promessas que lhe foram feitas, e que, aliás, já estão em parte cumpridas. Ela é toda reconhecimento por ter sido chamada por Cristo. Inteiramente dada.

Mas dizer que a Igreja é esposa de Cristo não é suficiente. Qual é o grande desejo do esposo e da esposa, senão, precisamente, serem um. “E os dois serão uma só carne” diz a Bíblia. É realmente o que se passa entre Cristo e a Igreja. Cristo e a Igreja, duas realidades, é verdade, mas duas realidades e dois seres que se amam, que se dão um ao outro para não fazerem mais do que um só corpo, como o homem e a mulher não fazem mais do que uma só carne: este corpo a que chamamos o “Corpo Místico de Cristo”.

E o Corpo Místico de Cristo é formado precisamente por todos os fiéis, agrupados, não ao redor dele, mas nele, de quem Ele se serve para viver o seu grande culto dirigido ao Pai, o seu louvor ao Pai e a sua grande mediação, oração pelos homens.

Estas curtas observações sobre a grande Ecclesia, Esposa e Corpo de Cristo, vão-nos permitir, agora, penetrar mais dentro no mistério da pequena Ecclesia.

Quando numa das vossas casas se realiza a reunião mensal e os casais, uns após outros, entram na residência daquele que recebe, vocês estão perante uma convocação que pode não ser mais do que uma reunião como qualquer outra ou que pode ser uma Ecclesia.

Se esta reunião é uma Ecclesia – e eu direi dentro em pouco quais as condições para que o seja – então estes poucos casais assim reunidos são, na verdade, uma célula da grande Igreja. Célula da grande Igreja que representa, como a imagem representa o original, a grande convocação que é invisível. E não somente estes casais assim reunidos representam a convocação invisível de todos os fiéis, mas também a tornam presente e é isto que é preciso ser bem compreendido, porque é isto que faz com que se perceba o mistério: a grande convocação invisível é tornada presente por estes casais reunidos; o mistério da grande Igreja, está presente na pequena Igreja.

Tanto assim que um teólogo definia uma pequena reunião de cristãos: “uma epifania da Igreja”. A grande Igreja manifesta-se – é o sentido da palavra epifania – manifesta-se nesta assembleia de alguns irmãos. Numa palavra, a pequena reunião de cristãos é como que invadida pela presença da Igreja total, da grande Igreja. A grande Igreja encontra-se presente nesta pequena reunião, como a alma está presente em todos os membros do meu corpo (a alma não se divide, ela está presente em toda a parte do corpo); a grande Igreja não se divide, ela está presente em toda a parte onde há uma Ecclesia.

E então? Cristo está presente já que a Igreja está presente. E é este o segundo aspecto sobre o qual eu chamo a vossa atenção; é o aspecto central deste mistério.

Jesus Cristo prometeu estar com a sua grande Igreja, até a consumação dos séculos. Mas, reparem bem, Ele prometeu à pequena Ecclesia estar no meio dela (leiam em São Mateus, o Cap. 18, vs. 19): “Se dois dentre vós, sobre a terra, unirem as suas vozes para pedirem alguma coisa, ser-lhes-á concedido por meu Pai que está nos céus. Quando dois ou três, com efeito, estiverem reunidos em meu nome, aí estou eu, no meio deles”.

Em face desta promessa, muitos cristãos ficam embaraçados. O que é esta misteriosa presença de Cristo, quando dois ou três estão reunidos em seu nome? É precisamente uma presença de Cristo na sua Igreja, porquanto esses dois ou três, se estão reunidos em seu nome, são uma Ecclesia. E, por conseguinte, não constituem, de nenhum modo, uma reunião qualquer de homens. Representam, atualizam a grande Igreja e Cristo está presente no meio desses dois homens, no meio desses dois casais, no meio de uma reunião mensal. Já que está presente, Cristo atua, é certo; Cristo santifica. A pequena Ecclesia tem um centro: o seu centro é precisamente Jesus Cristo, invisível mas presente no meio dela.

Invisível: não de todo. Pois que a sua presença misteriosa na assembleia se manifesta pelo homem de Deus, pelo homem de Cristo, que convoca a assembleia e a preside: o sacerdote. Quer seja o Papa à testa da Igreja, o celebrante na assembleia paroquial, o assistente na reunião dos casais, todos eles têm a função de dizer, só pela sua presença: vós estais unidos em nome do Cristo, portanto Cristo está presente e aqui estou para vos testemunhar isso. Esta função do sacerdócio, antes de qualquer outra atividade, é uma função “sacramental”: o padre é o sinal da presença de Cristo na comunidade.

Cristo está presente ainda na Ecclesia, por meio do seu símbolo “sacramental” por excelência: a Eucaristia. A Eucaristia representa e torna presente Cristo. Com mais precisão, torna presente Cristo, dando cumprimento ao acto

supremo da sua vida, pelo qual o seu amor pelo Pai e pelos homens, se revelou e se cumpriu em plenitude: sacrifício, a Eucaristia, é também, para a comunidade, o sacramento da unidade por excelência. Não é de admirar que a reunião do povo cristão se faça principalmente na missa, celebrando a Eucaristia e nela comungando. Mas o que é verdade em relação à assembleia eucarística, também o é em relação a toda a assembleia cristã, mesmo longe do altar. Quando se realiza uma reunião de cristãos, eles estão em ligação com a Eucaristia, a da véspera e a do dia seguinte; a que se celebra na hora em que se reúnem, em qualquer ponto da terra.

Encontramo-nos portanto na presença destas duas realidades: uma célula da Igreja e Cristo presente no meio dela. Só nos resta agora desenvolver o que vimos há pouco em relação à grande Igreja.

A menor das assembleias, a assembleia familiar, a assembleia de alguns casais, é a esposa de Cristo. Compreenda-se assim que estes casais foram chamados, convocados (não esqueçamos nunca esta etimologia de Ecclesia - clesis: convocação). Estes casais que se reúnem em casa de um deles, foram chamados, convocados por Cristo; responderam prontamente e aí estão à volta dele, como a esposa que responde ao apelo do esposo e a ele se entrega, como a esposa que crê nas promessas do esposo e se dispõe a acolher o dom do esposo.

Que a pequena reunião mensal seja realmente acolhedora: Cristo está ali presente, rico de promessas. E a grande promessa de Cristo vós bem sabeis: é o Espírito Santo.

Entretanto é preciso que toda a Ecclesia, mesmo a menor, seja um diálogo entre a assembleia e Cristo misteriosamente presente. Um diálogo? Entenda-se aqui, não somente vozes, mas corações que respondem uns aos outros e vidas que se dão.

Mas ainda não disse tudo: esta pequena reunião de casais, esposa de Cristo, dá-se a Cristo e torna-se corpo do Cristo. Peço que me compreendam. Cristo apodera-se destes homens e destas mulheres que aqui estão. Cristo comunica a estes homens e a estas mulheres a sua vida profunda, digamos, a sua “religião”; comunica-lhes o seu amor ao Pai e comunica-lhes o seu amor aos homens: estes dois batimentos do Coração de Cristo.

Cristo presente na vossa pequena Assembleia, quer inocular em vós este amor ao Pai que nele vibra e este amor aos homens, de cuja salvação está sedento.

Portanto, toda a Ecclesia, toda a reunião de cristãos em nome de Cristo, culmina numa comunhão com Cristo.

Portanto, a Assembleia e Cristo não fazem senão um, a Assembleia e Cristo voltam-se para o Pai, para louvar o Pai. E a Assembleia e Cristo voltam-se para o mundo imenso que fica para lá das paredes da casa, a fim de levar a mensagem de Cristo a esse mundo.

A pequena Ecclesia é o Corpo de Cristo, e isto significa que, tomada por Ele, vibra com a sua vida, a sua religião, o seu duplo amor.

E finalmente, o último aspecto deste mistério da pequena Ecclesia; ela é



presença do Espírito Santo e do Pai.

Com efeito, Cristo nunca está separado do Pai e do Espírito Santo. O grande acto de Cristo que subiu aos céus, é precisamente o de dar, de enviar o Espírito. Porquanto o Espírito é a vida divina comunicada aos homens, é o seu Espírito que faz com que estes homens e estas mulheres vibrem com a Sua fé. Na pequena Ecclesia que formais na reunião da equipa, Jesus Cristo está presente e a sua ação misteriosa sobre cada um consiste em infundir-vos o Espírito, na medida própria do acolhimento de cada um para com Ele. E o Espírito Santo, à medida que encontra almas acolhedoras, torna-se toda vibração; e em cada uma delas e na assembleia inteira, ecoa esta voz, que é o grito do Espírito Santo de que nos fala são Paulo: “Abba, Pater”, “Pai, Pai”. Eis qual é a grande oração da pequena Ecclesia invadida pelo Espírito Santo que é o Espírito de Cristo. Identificada com Jesus Cristo, ela grita esta grande oração do Filho: “Pai, Pai”.

Portanto, na vossa reunião de equipa ides encontrar Cristo que está lá presente, conforme prometeu; e, por sua vez, Cristo dá-vos o Espírito. E Cristo, pelo Espírito, leva-vos a contemplar o Pai, para cantar o louvor do Pai e para orar por todos os irmãos.

Para maior clareza, eu resumo esta segunda parte que intitulei o Mistério da Ecclesia.

A pequena Ecclesia é uma célula da Igreja, Cristo está presente na pequena Ecclesia. A pequena Ecclesia é a esposa do Cristo e com Ele estabelece um diálogo. Cristo toma posse dela para lhe comunicar o seu duplo amor. A pequena Ecclesia descobre então em Cristo e por Cristo o Espírito Santo que Cristo lhe comunica e o Pai para o qual o Espírito Santo a arrasta.

## MÍSTICA DA ECCLESIA

Mas, para que uma reunião de cristãos seja uma Ecclesia, há várias condições a satisfazer. É precisamente destas condições que eu quero falar, nesta última parte. Há uma mística da Ecclesia que é preciso adquirir e é justamente dela que vou conversar convosco.

Se, pelo simples facto de alguns cristãos estarem reunidos, o mistério da Ecclesia estivesse ali presente e vivo, seria inútil fazer uma longa conferência. Mas se, precisamente, há certas condições a preencher para que uma reunião de cristãos seja uma Ecclesia, é muito importante que saibam quais são estas condições. E isto para que uma reunião mensal da vossa equipa venha a ser de facto esta Ecclesia, rica de mistério que acabo de vos apresentar.

Nem é preciso acrescentar que o que vos estou a dizer é válido para qualquer outra reunião de cristãos. Entretanto, não vou falar aqui, por exemplo, da assembleia paroquial. Quero, sim, limitar-me à equipa e ajudar-vos a compreender as reuniões mensais das Equipas de Nossa Senhora.

## 1a. Condição: A fé

Primeira condição para que a reunião seja uma Ecclesia: a fé.

Cristo, muitas vezes, pelas estradas que percorria, disse ao doente, ao pecador que lhe pedia socorro: “Crês? Se crês, ser-te-á feito na medida da tua fé”.

Quando estais reunidos, à noite, em casa de um equipista para a reunião mensal, escutem Cristo que pergunta a todos: “Credes? Será feito na medida da vossa fé”. Depende da vossa fé que a reunião seja uma Ecclesia.

Daí a necessidade muito importante de fazer adquirir aos membros da vossa equipa esta visão de fé. Que não olhem a reunião como um encontro qualquer, mas que pouco a pouco, tenham acesso a esta visão de fé de que falamos, que tomem consciência desta misteriosa presença de Cristo entre eles.

Como agir? Sem dúvida não será mau que lhes seja transmitida alguma coisa daquilo que estais a ler. Mas há uma coisa na qual eu creio muito mais: na vossa vigilância em fazer com que, de uma reunião para outra, um ou outro aspecto da assembleia cristã, da Ecclesia, seja posto em relevo. Penso que é por pinceladas ligeiras, quase insensíveis que, pouco a pouco, podereis transformar a vossa equipa.

Fazer um grande discurso, ao chegar em casa e dizer: “Sabem, nós precisamos viver a Ecclesia”, não terá certamente grande resultado. Mas se, de uma reunião para outra, procurarem fazer com que os vossos companheiros de equipa tenham uma fé mais viva e satisfaçam melhor as condições requeridas, verão então que, pouco a pouco, a vossa reunião de equipa adquirirá uma densidade maior e viverá melhor o mistério.

Em particular, creio que é muito importante que, de vez em quando, leiam alguns destes grandes textos que, precisamente, nos fazem compreender o que é a Ecclesia de Deus.

Além dos textos que já aludimos, a propósito da “História da Ecclesia”, eis algumas referências bíblicas que mostram o Povo, a Assembleia, a Ecclesia, em plena ação e em plena vitalidade:

Êxodo 19 a 24: o povo é convocado pela palavra de Deus e para escutar esta palavra; a aceitação da Palavra pelo povo, constitui a Aliança, e esta é ratificada por um sacrifício.

II Reis 23: o rei Josias quer dar um novo começo ao seu povo, consagrando-o uma vez mais a Yahvé.

Neemias (I Esdras. 8 e 9, e 12 e 13): após a volta do exílio, sobre as ruínas da Cidade Santa, o povo reúne-se para ouvir a leitura da palavra de Deus; não há sacrifício, mas Esdras leva todos os representantes do povo a oferecer uma admirável oração de ação de graças pelo passado e de suplica para o futuro. Esta oração ficará o modelo das que serão recitadas na sinagoga e em cada família judia, no dia do sábado e nas grandes festas.

Estas admiráveis orações de Jesus para a unidade, na noite da Quinta-feira Santa (João, 13 - 16), constituem o estatuto da Igreja nova. E a vida da Ecclesia apostólica é descrita nos Atos dos Apóstolos (Atos 1, 4-8; 2, 1-6 ; 2, 42-47; 5, 11; 8, 1-3; 9, 31).

Ler um no início da oração, seja os trechos do Antigo Testamento, seja os Atos dos Apóstolos, que eu citava há pouco. Convidar os presentes, e isto é muito importante, a tomar consciência da presença de Cristo por meio de um minuto de recolhimento e, eis que, muitas vezes, a reunião se transforma.

## **2a. Condição: Rutura**

Segundo esforço, segunda condição; rutura.

Quem diz Ecclesia, diz convocação: convocação de Deus, chamamento aos seus.

Se vamos à reunião da equipa, é porque Deus, é porque Cristo convoca. Ora, quem diz convocação, chamamento, diz também partida, rutura com aquilo a que estamos ligados.

Quando Cristo passa e diz ao funcionário da alfândega Levi: “Vem e segue-me!”, Levi deixa os seus companheiros e segue a Cristo. Do mesmo modo quando, noutra ocasião, Deus quis dar a sua Lei ao seu povo e fazer com ele aliança, fez com que Moisés lançasse a grande convocação: “Saí do Egito!” e os que responderam, reunidos ao redor do Sinai, receberam a Lei do Senhor. Mas isto exigia que abandonassem o Egito, os seus hábitos, o seu pequeno conforto (embora ele fosse mais que sumário) e se pusessem em marcha e consentissem na dura lei do deserto.

Da mesma forma, não há reunião cristã que não deva ser uma partida, uma ruptura com tarefas que, muitas vezes nos prendem um pouco afastados de Deus. Uma ruptura, em todo o caso, com preocupações que não têm lugar quando se está na assembleia cristã, ou, simplesmente, uma ruptura com a casa e com os filhos. Rutura exterior, sim, mas que significa uma rutura interior, que quer dizer partir em direção a Deus, para conhecer a Deus, para dele nos aproximarmos e, portanto, uma purificação.

Alguns há que vão à reunião como este homem do Evangelho que não vestia roupa nupcial. Ele respondeu, sem dúvida, à convocação, mas, não possuindo a veste nupcial foi lançado fora: não se tinha purificado para vir. Dirigir-se para uma Ecclesia sem se ter purificado é não ter a veste nupcial. No meio da pequena Ecclesia reunida em volta de Cristo, havia um que não tinha a roupa nupcial e Cristo disse, com que tom de tristeza: “Mas não estais todos puros!”

Penso que nas nossas equipas, o hábito da “partilha” (que consiste em dizerem uns aos outros se, durante o mês, observaram as obrigações da Carta, os meios de aperfeiçoamento), é uma excelente purificação. É um gesto de sinceridade, de verdade, que faz com que não haja mais engano de um para com os outros. Quando estamos reunidos ao redor de Cristo, nada mais somos do que pobres pecadores. É

preciso então, tirar a máscara; e é preciso deixar de “banciar a espertos”: a nossa “partilha” tem uma virtude muito salutar: ela coloca-nos numa atitude de pureza e de humildade.

Acentuemos aqui que seria preciso que cada um dos membros da equipa tivesse a preocupação de levar para a reunião, uma alma disponível.

Fé, rutura, disse eu.

### **3a. Condição: Convocação em nome de Cristo**

Notem bem o que diz Nosso Senhor. Ele não diz: “Quando dois ou três estiverdes reunidos, eu estou no meio de vós”, mas Ele acentua: “Quando dois ou três estiverdes reunidos em meu nome”. Eis aí o facto importante. Convocados por Ele, respondemos ao seu apelo, estamos ali em seu nome. Por conseguinte, se vamos à reunião da equipa por causa das boas amizades, das simpatias, não vamos em nome de Cristo. E é por este motivo que, por vezes, equipas formadas com casais que não se conheciam, têm uma ótima partida: o que é que os reunia, senão esta vontade de encontrar Cristo? E eis que no fim de um ano, dois anos, três anos, tais casais já se conhecem muito bem, já houve o intercâmbio de numerosos serviços: a amizade cresceu, o que é uma felicidade, mas por vezes, esta amizade, pode ocultar a intenção, pode levar os casais a encontrarem-se apenas porque são ótimos amigos e, diante disto, já não estão reunidos tanto em nome de Cristo e, diante disto, verifica-se nessas equipas o que eu chamei tantas vezes: a tentação da amizade. Cristo não pode agir com a mesma plenitude, porque, precisamente, não é em primeiro lugar para Ele, para O encontrar, que os casais estão reunidos.

Daí a necessidade de purificar a intenção, de fortificar esta intenção. É em nome de Jesus Cristo que viemos e parece-me que o papel do Assistente e o papel do Responsável são importantes para que não haja uma queda de nível na reunião.

### **4a. Condição: O auxílio fraterno**

Congregação em nome de Cristo e união em Cristo. Precisamos comentar um pouco esta condição: unidos, unidos em Cristo, unidos pelo amor fraterno. Não havendo amor fraterno, não há assembleia cristã; não há amor cristão, deveria eu dizer.

No capítulo 13 de são João, lemos (é Jesus Cristo que fala, e que fala a toda a equipa; esta palavra de Cristo seria bom que a lessemos de vez em quando): “Eu dou-vos o meu mandamento novo (se fosse de se amarem uns aos outros, Cristo não diria que o mandamento é novo), é que vos ameis uns aos outros sim, que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei. Nisto, todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”.

E os apóstolos, e os discípulos compreenderam-no muito bem. E os Actos dos Apóstolos diziam-nos há pouco: “A multidão dos irmãos não tinha senão um só corpo e uma só alma”.

E a refeição da equipa? É um bom meio, muito humano, para refazer esta fraternidade e para a refazer em Cristo. Lembrem-se daquilo que dizia há pouco: “tomavam as suas refeições com alegria e simplicidade de coração”. Mas cuidado! Quem diz “amor cristão” deixa entender que se trata de não mais fazer aceção de pessoas, como fala São Paulo. E eu convido-vos a manterem-se atentos a esta tentação que envenena muitas vezes a cristandade. Refiro-me a certo “racismo”: os que não são do mesmo meio, da mesma raça, da mesma língua, da mesma classe social, da mesma cor de pele, eis que já não são considerados como irmãos. Mas, então, que assembleia é esta, que faz aceção de pessoas? Serão talvez bons amigos, não são pessoas que se amam com amor cristão. É de São Paulo esta frase que conheceis muito bem: “Não há mais judeus nem gregos!” E eu asseguro-vos que para os seus contemporâneos, isto queria dizer muita coisa, pois sabe Deus quanto, naquele tempo, as distinções eram marcantes e as raças estavam em oposição. “Não há mais nem judeus nem gregos, nem escravos nem homens livres, nem homens nem mulheres; não sois todos senão um, em Cristo Jesus”.

A vossa responsabilidade, penso eu, consiste em fazer todo o possível para que haja este amor cristão, isto é, este amor que não exclui ninguém, que derruba todas as fronteiras, todas as barreiras. Amor cristão que leve a pôr tudo em comum. Líamos há pouco: “entre eles tudo era comum”. Isto define a primeira Ecclesia. apostólica e isto deve definir as vossas reuniões.

Já no plano material, este amor deve ser praticado. Se vocês querem manter-se na linha dos primeiros cristãos, parece realmente impossível que se contentem com o auxílio mútuo espiritual. Eles, os primeiros cristãos, deram-nos sem dúvida o exemplo deste auxílio mútuo material.

Entretanto, o essencial é evidentemente o auxílio mútuo espiritual: é posto em prática na partilha. Com efeito, penso que a “partilha” sobre as obrigações da Carta (meios de aperfeiçoamento), quando é bem feita e bem compreendida, é um auxílio fraterno.

O auxílio mútuo manifesta-se ainda naquilo que chamamos o “pôr em comum”, “pôr em comum” das alegrias, das tristezas, dos problemas da vida, das descobertas... de toda a nossa vida, em suma. É para este ideal que é preciso tender cada vez mais, sem o que não sereis irmãos que se amam, pois que guardais dentro de vós, aquilo que vos interessa. Caso não se abram uns aos outros, não estarão na reunião senão para trabalhar, quando muito, num plano meramente intelectual.

“Pôr em comum” que deve conduzir a um carregar recíproco dos fardos uns dos outros, São Paulo já o dizia: “Carregai os fardos uns dos outros”(Gal. 6, 2). Eis, assim, mais uma palavra que deve ficar bem presente nas reuniões da vossa equipa: “carregai os fardos uns dos outros!” E então vós realizareis na prática o que se define como sendo uma equipa, uma Ecclesia: “Um por todos, todos por um, todos juntos para Deus!”

## **5a. Condição: Escutar a Cristo**

Por vezes, certos grupos de cristãos têm a tendência de acreditar ser suficiente que haja amor e que o amor é a caridade cristã. Mas não! Não haverá

verdadeiramente assembleia cristã, se não quando escutarem Cristo presente. Amar-se é sem dúvida uma condição indispensável. Mas, amem-se para unir-se, e unam-se para ouvi-lo. Deus fala, Cristo fala, para convocar, sem dúvida, mas também para dar a sua lei, para fazer compreender os seus pensamentos, para que, pouco a pouco, venha a desabrochar a nossa fé, pois que a fé do homem é, precisamente, como que o eco da palavra de Deus. Daí a necessidade de, nas nossas reuniões de equipa, se dar lugar à palavra de Deus. É nessa ocasião que o sacerdote ocupa inteiramente o lugar que lhe cabe; ele é então, como o diziam os primeiros discípulos, “o ministro da Palavra”. Ministro da Palavra, do mesmo modo que é Ministro da Eucaristia. Ele dá-vos o Corpo Eucarístico de Cristo, ele dá-vos a Palavra de Cristo que é uma outra maneira de vos comunicar a vida de Cristo.

Ora, não se trata de ouvir esta Palavra com um ouvido mais ou menos distraído, mas sim de escutar, no sentido forte do termo. Dizem do rei Salomão que ele dirigia a Deus esta oração: “Senhor, fazei-me um coração que escute!” É com o coração que se escuta a Palavra de Deus. Por isso mesmo, na oração da equipa, nas nossas reuniões de equipa, fazemos questão que haja este momento de silêncio em que, realmente, cada coração, pouco a pouco, deixa penetrar em si a Palavra de Deus, como a terra que recebe a chuvinha miúda que, pouco a pouco, a fecunda.

Não é somente a oração que lhes permitirá escutar a palavra de Deus, mas também a troca de ideias. Numa reunião de equipa, a troca de ideias, não é ela, precisamente, esta procura em comum do pensamento de Deus sobre as grandes realidades da família, da vida leiga e sobre os seus problemas?

## **6a. Condição: Responder a Deus**

Escutar a palavra de Deus, mas também responder-lhe, é a sexta condição a satisfazer.

Deus fala e é normal que comecemos por escutá-Lo. E que não sejamos como tantos cristãos que, desde o primeiro momento em que se colocam diante de Deus, logo se põem a falar-lhe. E perguntamo-nos quando é que Deus poderá por sua vez falar-lhes. Na realidade, Deus não lhes fala. Escutemos em primeiro lugar Deus que fala e, em seguida, respondamos-Lhe. A resposta do homem à palavra de Deus, é a sua fé. Infelizmente para nós, ocidentais do século XX, a fé não é mais do que uma adesão do espírito, ao passo que, em termos bíblicos, a fé é o impulso de uma vida inteira, vivida segundo a palavra de Deus. A fé torna-nos de Deus e entrega-nos integralmente a Deus.

Esta fé terá a sua expressão na oração da equipa de que já falei. Mas então, precisamente, a oração da equipa, em vez de ser feita destas poucas palavras, simples, terrivelmente individualistas: “Eu peço pela tosse-comprida de Verinha... eu peço para encontrar a caneta-tinteiro que perdi... eu quisera que minha sogra fosse um pouco menos cruel para comigo...” seja, sim, a manifestação, pela voz de um ou de outro, das grandes aspirações de Cristo; seja, sim, o louvor do Pai por meio de Cristo, a ação de graças de Cristo; seja, sim, uma oração de ampla intercessão pela Igreja e por todos os fiéis.

O que me leva muitas vezes a perguntar a mim mesmo se as nossas

reuniões de equipa são verdadeiramente assembleias cristas e se Cristo está aí realmente presente, é que não encontro nenhuma vibração da devoção de Cristo nas poucas fórmulas de oração que são pronunciadas em voz alta. É verdadeiramente aí que o papel do Responsável e do Assistente é importante para que, pouco a pouco, tendo ouvido Cristo que fala, a assembleia inteira lhe apresente uma resposta que seja digna d'Ele.

### **7a. Condição: União com a Igreja**

Teria eu terminado? Não! Resta-me falar-lhes ainda de uma condição. O fervor de uma pequena reunião de cristãos, o fervor da própria oração, não realiza necessariamente uma autêntica assembleia cristã. Esta reunião poderia não ser mais do que uma seita. E quantas seitas, com efeito, deram o exemplo de grande fervor. Mas Cristo não estava presente nelas. Não eram uma Ecclesia. Qual a razão? É porque não viviam tudo isto dentro da Igreja. E aí está a última condição sobre a qual chamo a vossa atenção.

Se a minha mão é cortada, separada de meu corpo, a minha mão perece; se o ramo é quebrado da árvore, o ramo apodrece. Se a pequena Ecclesia é cortada da grande Ecclesia, a pequena Ecclesia não é mais uma Ecclesia, mas apenas uma reunião qualquer. É preciso que na pequena Ecclesia, a Alma da grande Ecclesia se encontre toda e nela vibre. É exatamente por isso que na “Regra” (Carta) das Equipas de Nossa Senhora está escrito: “Evocam-se na oração para adoptá-las, as grandes intenções da grande Igreja”. Daí também esta obrigação da “Carta”, a oração litúrgica obrigatória, porquanto a oração litúrgica é a voz da grande Igreja que ecoa na pequena Ecclesia. A “Carta” acrescenta: “Para fazer com que os corações pulsem no ritmo da grande Igreja”, é preciso que, na nossa pequena assembleia, os corações pulsem ao ritmo da grande Igreja. E então, pouco a pouco, a pequena Ecclesia preencherá bem a sua função que é a de ser uma iniciação à vida na grande Igreja. Não se trata de nos dispensarmos de viver na grande Igreja, trata-se pelo contrário de, por meio desta vida na pequena Ecclesia, tomar consciência da grande Ecclesia, da grande Assembleia e de se iniciar nesta grande vida fraterna. Numa palavra, se a pequena Ecclesia não lançar raízes na Igreja, não passará de uma seita. Todo o seu sentido lhe vem da sua relação com a Igreja e, quando falo da Igreja, eu penso na da terra, mas penso também na do céu.

Vou resumir. Eis as sete condições para que uma reunião mensal seja uma verdadeira Ecclesia: a fé; a rutura com o que nos prende; reunirmo-nos “em nome do Cristo”; o auxílio fraterno; escutar a Cristo; responder a Deus; união com a Igreja.

Há um aspecto que não abordei ainda. É uma palavra de ordem dada por Cristo à primeira Ecclesia, palavra esta que Ele dirige a toda a Igreja e, portanto, a cada um nas nossas reuniões mensais: “Todo o poder me foi dado no céu e na terra; ide pelo mundo, pregai a boa nova a toda a criatura”. E São Marcos esclarece pouco depois: “E eles foram, pregar por toda a parte, e o Senhor assistia-os”.

Uma assembleia cristã é uma assembleia missionária, isto é, um porto servindo de base, de onde cada qual parte para levar a convocação de Deus a todos os homens. Mas este será o assunto de outra conferência. Apenas quero acenar, de passagem, para este outro aspecto. Era importante, porém, que desde já esta segunda

dimensão da assembleia cristã fosse encarada. E nada mais me resta, senão concluir.

Que fiz eu perante vocês? Simplesmente procurei ver com olhar de fé a vossa assembleia, a vossa reunião mensal. E estou certo, aliás, que ao ouvir-me, vós compreendestes certas impressões que já deveis ter tido, mais de uma vez, em face desta qualidade de amizade.

Eu recordo-me, em particular, da Peregrinação das Equipas a Lourdes, há poucos anos. Na rua, vinte vezes, fui abordado por casais que me diziam: “Padre, explique-me esta coisa curiosa; no comboio, estávamos com sete casais que não conhecíamos. Ora, depois de meia hora de conversa havia entre nós uma qualidade de amizade que não conseguimos sempre realizar, nem mesmo na nossa equipa e que nunca se consegue com os nossos outros amigos”. Ao que eu respondia: “É preciso tomar consciência de que há vários tipos de relações humanas. Há as relações de amizade, há as relações mundanas, há as relações de camaradagem, há as relações de negócios e há as relações em Cristo. Pois bem, justamente, o que vocês conseguiram, foram estas relações em Cristo. Não pensem que era particularmente bom por causa de uma simples qualidade de emoção, não. É profunda, é uma realidade misteriosa que aí se manifestava e da qual lhes foi dado tomar consciência”.

Estou convencido de que a qualidade e a irradiação das vossas reuniões de equipa serão seriamente aumentadas este ano se, de reunião em reunião, os vossos encontros se tornarem verdadeiras Ecclesias!